

V - Resenha

Machado de Assis, segundo Elias José

Oportuno registrar, nesta edição especial sobre a ironia, recente trabalho de Elias José, pela coleção "Ponto por Ponto", da Ática (1988). Considerado pelo autor um "estudo simples" sobre o autor de *D. Casmurro*, o livro cumpre a contento seu objetivo didático de complementar falhas do ensino do segundo grau, no que diz respeito ao trato com a obra literária, em que pesem embora certas limitações.

Segundo as regras do jogo, em geral, os alunos devem dominar características dos autores, através da leitura de determinadas obras. Machado é o campeão insuperável de autores para vestibular, há instituições de ensino superior que primam todo ano, compulsoriamente, em adotar algum de seus livros. O livro de Elias José fornece os principais aspectos da obra machadiana. Elabora aproximações cronológicas entre eventos artísticos e político-sociais. Se a adoção de obras significativas de grandes autores constitui uma conquista da admissão ao curso superior, espera-se, antes de mais nada, que o aluno leia essas obras.

É sabido que a eficácia desse tipo de trabalho é, comprovadamente, mínima, posto que nem sempre as questões visam a aspectos de enredo e, sim, na sua maioria, a questões de crítica social, análise e simbologia. Elias José se detém em dois textos "adotados": *D. Casmurro* e "Missa do Galo". Nada a comentar sobre o desenvolvimento destas duas análises, uma vez que desconheço os critérios compulsados pelas instituições que os teriam escolhido.

Louvável a aliança entre a simplicidade expressiva e o bom nível da maioria das informações veiculadas. Seria leviandade suspeitar da capacidade de Elias José para a tarefa: é autor (de sucesso) de perto de quarenta livros, entre romance, contos, poesia, juvenis e infanto-juvenis. Teve, inclusive, um livro seu adotado há poucos anos pelo vestibular da PUC/MG (*Um Pássaro em Pânico*).

Pode-se lamentar a escassa densidade do tópico dedicado a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: apenas o enredo é sintetizado. Na enumeração dos traços realistas seria pertinente focalizar a lentidão da narrativa, apoiada nas

reflexões do narrador: examinando a vida que viveu, procura reavivar as sensações próprias e alheias. Ou mesmo ressaltar as "rabugens de pessimismo", relacionando-as com as grandes correntes científico-filosóficas da época (evolucionismo de Spencer, niilismo de Schopenhauer), responsáveis pela precariedade absurda da condição humana. A natureza, mãe cruel, egoísta e contraditória; o homem, simples juguete de suas forças.

Mesmo nas condições didáticas em que o livro se enquadra – e supõe-se talvez uma certa tirania editorial – caberia destacar, com argumentação calcada na teoria literária, o problema do foco narrativo, tão rico e contundente nessas memórias, o "autor defunto". Como também (julgo) não ultrapassaria as especificações do trabalho salientar valores resultantes do Realismo, como a lei da compensação em série (Brás Cubas/borboleta preta, Brás Cubas/moleque Prudêncio), o condicionamento do homem pelo meio ambiente (Cap. XI), a vida moral-afetiva sobrepujada pela vida biológica (o narrador como "grande lascivo"), a acomodação cínica ao erro (a lei da "equivalência das janelas" relacionada com a consciência), a questão da ironia (em função de inúmeros aspectos, tais como: o distanciamento espacial e temporal, a pluralidade dos pontos de vista, a fragmentação).

Retruca-me a editora (ou o autor) que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não se situa entre as "obras escolhidas". Tudo bem. Mas se trata, sem dúvida, (e Elias José sabe disso) da obra-prima de Machado. Em tempo: não seria demais sugerir para as próximas edições o acréscimo de uma bibliografia mínima.

Talvez os limites do didático ultrapassem, quase sempre, imposições editoriais.

JOSÉ, Elias. *Machado de Assis*, São Paulo, Editora Ática, 1988.

Edgard Pereira